A Cabeça de Marie

Deoclécio Henrique Correia

A Cabeça de Marie

Prefácio

O detetive Lander encontra um dos casos mais escabrosos de sua carreira, mas isso não intimida, o pretensioso que na companhia de seu fiel amigo, comissário Roterdan, se envolvem com os suspeitos, sendo convidados até para uma festa de casamento, onde são revelados os maiores segredos de uma família conceituada. Num enredo onde nada parece o que realmente é, Lander vai montando um quebra cabeças cheio de intrigas, com personagens charmosos, apesar de um deles ser um assassino meticuloso.

Lander possuí uma personalidade incomum, tem um ego enorme mas aparentemente nenhum talento, embora sempre surpreenda com as revelações nos finais de cada trama, seus métodos nada convencionais são criticados por seu amigo comissário Roterdan, um gordo de ares bonachão que é tão inepto, ou mais até que o próprio detetive. Alan Hadi, o amigo egípcio de Lander procura auxiliá-lo sempre como uma espécie de coadjuvante, já que o pretenso detetive e seu egocentrismo

não o deixam outro papel.

Embora o detetive tenha uma tremenda cara de pau, ele é terrivelmente tímido com as mulheres, e elas sentem uma atração física por ele que é inexplicável, causando as situações mais hilariantes, porque este livro além de ser um romance policial e também um livro de humor. Acho que todos os romances policiais possuem um pouco de humor, os de Agatha Christie, e até o personagem de Arthur Conan Doyle tem muito de cômico, com Serlock Holmes fazendo suas deduções muitas vezes exageradas.

Para o leitor mais habituado com romances policiais, a leitura deste exemplar será um prato cheio, já que possuí todos os ingredientes dos grandes clássicos sem a pretensão de o ser, quem não está acostumado, espero que comece a se apaixonar, porque logo vemos uma literatura envolvente e satisfatória quando ela tem todas as peças do quebra-cabeças se encaixando no final. Votos de uma boa leitura, caro leitor, e muito obrigado pela preferência.

Capítulo I – Um chamado

Nas sombrias ruas de Londres a claridade da janela, da pequena casa do ilustríssimo detetive que ofendia as trevas, na sala de pequenas proporções, sentado na sua única e preferida poltrona de veludo, à sua frente uma lareira com um fogo aconchegante, ele monologava tristemente.

- A vida, o que é a vida, isso é a vida? Um aconchego junto ao fogo desta simplória lareira, prazeres fúteis, mas perseguidos avidamente, meu Deus! - silêncio momentâneo, ouve-se o estalar dos galhos secos ao fogo. - Algo me diz que dias de glória virão! Meu habitat, minha própria casa! Como sonhei com isso. Só lamento estar só. - silêncio reprimido. - Droga! Preciso de um auxiliar ao meu lado. Os grandes gênios sempre tem um tapado em quem mandar.

O telefone toca, o impertinente detetive toma tremendo susto.

- Comissário Roterdan? Sim. - atende eufórico. - Estava agora mesmo pensando no senhor. O que? Sim, algo terrível! Irei aí imediatamente! - desligou o telefone orgulhoso. - Eles precisam de mim! - pegou sua antiquada cartola e jogou-a furioso ao chão.

- Diabos! Como pude ser tão inepto! Onde irei? Que ignorância não ter esperado ele falar o endereço! - corre tropicando na mesa de centro caindo estrondosamente sobre o telefone. - Ótimo! Ainda funciona! - discou alguns números tentando se acalmar. - Alô? Delegacia de polícia? Aqui quem está falando é o detetive Lander, amigo mortal do comissário Roterdan. Quem está falando? Veren? Ótimo! Preciso saber onde está o comissário, o idiota não me disse para onde ir. Só disse que era urgente e precisavam da minha magnífica presença, depois disso desligou no meio da conversa e não ligou mais! Pode? Sei, deve ser a idade mesmo. Mas não fale muito que você também vai ficar velha e careca, agora chega de papo furado, diga o endereço... sim, sei onde fica, muito obrigado!

Correu para a rua vestido com sua descomunal cartola e suas roupas sóbrias, esticou a mão pedindo um táxi, numa avenida de mais movimento, um deles freou em sua frente.

- Leve-me para Saltyville! - pediu o nervoso detetive.

- Sim, senhor! - o taxista, pobre vítima da reprodução desenfreada, possuía duas orelhas, sua idade avançada lhe causava dores dorsais, seus olhinhos pretos e espertos se dirigiam ao inquieto detetive. - É novo por aqui?

- Nasci aqui! Agora vá rápido! Algo terrível aconteceu.

- Se aconteceu... por que a rapidez?

- Porque pessoas incapazes precisam da minha ajuda

imediatamente!

- Não vejo ainda motivo para tanta pressa. Sabia que assim estará não só arriscando a sua vida, mas a minha também? Caso eu bata num poste ou uma árvore, pode ser fatal dependendo da velocidade. Só posso correr se for por um motivo realmente especial.

- Assassinato!

- Hum... É um bom motivo. Trabalha então para a polícia?

- Sou detetive.

O táxi que já andava devagar vai parando.

- Particular?

- Ora, que diferença faz?

- Sou um taxista. - freia o táxi e fita o detetive virando o corpo. - Nós taxistas somos muito curiosos. Queremos saber de tudo, quem morreu?

- Tudo é confidencial, poderá saciar sua mórbida curiosidade amanhã nos vespertinos.

- Eu prefiro saber de primeira mão. - volta a posição normal.

- Por que não anda?

- Porque já chegamos, olha que eu nem vou cobrar.

- Bolas! Se soubesse teria vindo a pé!

- Obrigado pela companhia.

- Vá para o inferno! - Lander bate a porta do táxi, surpreendendo até mesmo o maligno velhinho.

Capítulo II – A Cabeça

A noite já não era mas a mesma, um vento forte começou a soprar do norte, trazendo um frio intenso, trovoadas estalavam ruidosamente, anunciando uma tempestade. O detetive avista o movimento fora do comum numa das pequenas casas naquela vila de ruelas imundas.

Uma barriga reluzente num colete branco se destaca na escuridão e Lander vai até ela.

- Olá, comissário.

- Boa noite, Lander. - cumprimentou-o tenso, o detetive sentiu a mão suada de seu interlocutor. - Estamos todos chocados, desde os tempos de Jack, o estripador a Inglaterra não viu um crime tão brutal. Nossa senhora nos proteja.

Com essas palavras quase incoerentes o detetive nada mais

fez a não ser olhar atentamente a sua volta e observar as expressões dos outros policiais que ali estavam, o clima era quase irreal.

- O corpo, onde está?

- A cabeça, você quer dizer.

- Uma cabeça? Sem o corpo?

- Não achamos o resto, vá ver. Está naquele saco preto.

Outros policiais abrem caminho, Lander tirou sua grotesca cartola, percebeu a atenção de todos nele, queriam pregar-lhe uma peça? Seus dedos esguios roçaram a borda do saco preto, esticou o pescoço e viu. Um misto de revolta, repulsa, ódio, nojo se apoderaram dele.

- Malditos! Sanguinários... eu, eu...

- Tudo bem, Lander. - a mão do velho amigo pousou no seu ombro, Lander reconheceu Alan Hadi e abraçou-o afetuosamente, este aproveitou para beijar-lhe o pescoço. - Estamos todos chocados, não deixaremos o assassino sair impune.

- A cabeça já foi identificada, moça de vinte anos, filha de Edgar Berstein, o dono do restaurante na Rover Street. Acharam-na parecida com as fotos das colunas sociais, telefonaram para o pai vir vê-la. Foi terrível. - informou o comissário catedrático.

- Quem é o dono desta casa? - perguntou Lander sereno.

- Uma pobre velhinha de noventa e oito anos. Quando ia colocar o lixo pra fora abriu a lata e viu a cabeça lá dentro, fez barulho com a tampa da lata do lixo nas paredes e conseguiu chamar a atenção de todos da vila.

- Posso falar com ela, comissário?

- Claro. - o comissário conduz Lander até uma sala de decoração simples, paredes verdes e mal iluminadas. Uma senhora jazia pensativa no seu sofá coberto por uma colcha de

retalhos.

- A senhora sente-se melhor? - indagou o detetive com cautela, fingindo se interessar pelo seu bem estar, sentou-se do lado da velha.

- Sim, meu Deus! Nunca pensei que tivesse que viver tanto para ver uma barbaridade dessas. É o fim do mundo, não acha?

- Não, sinceramente não acho. - sentou-se ainda mais perto da senhora. - Conhecia a moça?

- Nem vi direito, mas os que viram depois disseram conhecê-la, uma menina mimada, foi o que me disseram. Eu me lembro da cabeça, as tripas, mas uma pessoa morta é muito diferente de uma pessoa viva.

- A que horas a senhora levou o lixo pra fora pela última vez?

- Agora que vi a cabeça!

- Quero dizer, antes desta vez.

- Mas aquele lixo não é meu, colocaram ali!

- Eu sei, minha senhora. Só quero saber quando colocou o lixo para saber se não viu nada suspeito.

- Gatos! Miseráveis, mexem no meu lixo, quando derrubam a lata então! Um dia ainda os mato e degolo. Isso foi ao meio dia, se quer saber mesmo. E depois faz menos de meia hora atrás que vi aquele cabeça. Avisaram a polícia e veio aquele simpático senhor. - apontou para o comissário que ficou sem jeito.

O clima não estava para interrogatório, amanhã teriam um dia cheio, por isso o comissário resolveu dar uma carona para Lander no seu velho carro.

- Que coisa horrível. - disse Lander com as imagens do crime na mente.

- É melhor esfriar a cabeça, Lander. - sugeriu o comissário enquanto dirigia debilmente, resolveu mudar de assunto. - E

Katherine? Como vai ela? Sua namoradinha.

Lander fica rubro ao sentir o tom de gozação do comissário.

- Eu a abandonei, ela é muito jovem para mim. Uma ótima pessoa, não há dúvidas quanto a isso, mas não estou preparado.

- Preparado para as aventuras do amor?

- Pode ser.

- Eu tinha ficado muito feliz quando soube, sabe, sou um homem casado, e é a coisa mais bela a convivência entre homem e mulher.

- Acredito que sim, mas sou uma pessoa ambiciosa, os grandes gênios não admitem que uma mulher invada seus mundos. Elas são meigas, carinhosas, mas desgraçam a vida com qualquer descuido que um dos dois cometa.

- Um tanto machista esse seu ponto de vista, Lander.

- Eu diria realista,. Por que não parou na minha casa? - berrou Lander acompanhando com os olhos a casa que passava.

- Como teremos um dia cansativo amanhã, pensei que seria melhor se jantasse na minha casa hoje, suponho que nem sequer preparou a sua janta.

- O senhor esta certo. Espero uma cama macia.

- Tenho um quarto de hóspedes fabuloso.

- Para mim o mais importante é a cama, pouco me importa as fábulas do quarto. Sem a minha caminha eu durmo muito mal.

Na verdade Lander estava preocupado com o filho do comissário, Oliver, dez anos, assassino de passarinhos, torturador de ratinhos e tudo de ruim que uma peste de criança deve ter.

Capítulo III – O Filho do Comissário

- Chegamos, Lander. Admire minha modesta, porém confortável casa.

O detetive apreensivo parecia que preparava-se para entrar numa casa mal assombrada.

- Veja, escada de mármore. Tomou-me uma verdadeira fortuna, por isso limpe bem os pés antes de pisar.

- Vou querer uma refeição delicada. - disse o detetive como se tivesse opção.

O comissário abre a porta, gritos terríveis são ouvidos, e uma criança feia pula sobre o comissário.

- Papai, papai, matei dois ao mesmo tempo! Sou forte, né!

- Claro que é, meu filho, claro que é!

As feições da pobre criatura já o condenavam, Lander nunca

tinha visto rosto de criança tão azedo.

- Quem é esse magrelo, pai? O tal de Landau?

- Meu nome é Lander! - gritou achando que assim imporia o devido respeito.

- Landau, Landau, Landau, cara de bacalhau! - saiu gritando, correndo pela casa.

- Não ligue, Lander, é apenas uma adorável criança. E então, o que acha da minha casa?

- Muito confortável, sabe, gostei mesmo. Hum, sofás macios! Muito adequados.

Lander olhava tudo com extrema curiosidade, as portas em arco, as paredes em cor de creme, e os objetos em cor azul davam um ar esquisito naquela decoração de mal gosto. Ao olhar para uma das portas em arco, não sabia se dava risadas ou saia correndo tamanho terror que sentiu.

- Suponho que seja a esposa do nosso prestigiado comissário. - disse o detetive fingindo-se bem educado.

O comissário, coitado, ninguém sabe porque, mas a sua mulher era terrivelmente gorda, careca, baixinha e muito má.

- Quem é esse idiota?

- Sou Lander! - o detetive tentou mostrar força de caráter, encarando-a com ousadia.

- O jantar já esta na mesa, vamos nos sentar e comer.

Lander olhou para o comissário, mas este tentava esconder o rosto envergonhado, olhando para os lados.

O jantar estava exposto sobre a mesa. O comissário na ponta, sua esposa na outra extremidade. Lander de um lado da mesa tendo o diabólico guri ao seu lado. O som tradicional dos talheres tilintando e as bocas mal educadas que estalavam a cada mastigação. Para controlar sua irritação devido aos ruídos involuntários, Lander resolveu puxar assunto para se distrair.

- Divina refeição, se a cozinheira não fosse tão feia, eu lhe